

*O Estado de São Paulo,*  
10.7.2013

## **Hora de cultivar o jardim**

*Marcelo de Paiva Abreu\**

O doutor Pangloss é personagem central de *Cândido*, ou o otimismo, obra-prima satírica de Voltaire. Mentor do herói, é um otimista extremado, adotando a tese de Leibniz de que em nosso mundo "tudo está ótimo no melhor dos mundos possíveis".

Na esteira das manifestações de junho foi sugerido que o "clamor das ruas" não refletiu o clamor dos mais pobres e oprimidos. A suspeita é de que estiveram ausentes os que teriam mais a reclamar quanto às deficiências do Executivo e do Congresso. Outras críticas sublinharam as dificuldades envolvidas na transformação de uma difusa pauta de reivindicações em propostas de políticas públicas factíveis e coerentes. A simples afirmação de que há demanda reprimida por reforma política é, na prática, desprovida de substância. O quê? Como? Quando? Qual é a lista de prioridades?

Mas as turbulências tiveram uma consequência extremamente importante. Estouraram a bolha de otimismo infundado e basbaque que assolava o País desde o final de 2009, com muitos analistas internacionais comprometidos no oba-oba. Em meio à recuperação do nível de atividade em 2010, tal otimismo podia fazer sentido, mas sua persistência desde então sugere lamentável deficiência analítica, especialmente por parte do governo, já que posturas críticas da ação estatal na imprensa chegaram a ser caracterizadas como "terroristas" pela presidente da República.

Há certa preferência nacional pelo "me engana que eu gosto" e, por sua variante, o "jogo do contente". Daí decorre a popularidade de eufemismos mágicos e certa propensão a varrer o indesejado para debaixo do tapete. Se chamarmos favelas de comunidades, talvez fique mais fácil aceitar as deficiências de qualidade de vida que afetam seus habitantes. A embalagem é mais importante do que a substância. Afinal, a opinião pública pode ser manipulada. E os marqueteiros reinam.

Nesse quadro, o governo Dilma Rousseff conseguiu obter níveis de aprovação espetaculares. Mas é difícil não atribuir boa parte disso a certo desvario do panglossianismo. De fato, as coisas não iam bem.

No terreno político, a coalizão liderada pelo PT apresentava sintomas de fisiologismo agudo. Triste capitulação petista coroada pela emblemática eleição, ao arrepio da repulsa popular, de figuras no Congresso, para dizer o mínimo, controversas.

Na política econômica, a retomada do nível de atividade fracassou, em meio à inépcia do governo na implementação dos projetos de infraestrutura. A formação bruta de capital fixo continua patinando em torno de 17%. Tornaram-se corriqueiros truques contábeis dissimulando o impacto do crescimento de gastos nas metas fiscais, e também o adiamento discricionário de reajustes de preços visando a minorar o impacto sobre a mensuração da inflação. Na microeconomia, a vocação aventureira do governo refletiu-se, por exemplo, na

composição de desembolsos do BNDES, sendo representativos os financiamentos de projetos temerários como os de Eike Batista e similares.

Com a vertiginosa queda do nível de popularidade de Dilma, há evidente desespero no Planalto, a despeito de previsões de marqueteiros quanto à recuperação igualmente espetacular no fim do ano. Especialmente depois que as improvisadas propostas plebiscitárias esbarraram em obstáculos políticos e operacionais. O choque de realidade de junho foi essencial para que se pudesse pensar em reformas que permitam gerar políticas públicas afinadas com as demandas populares. O primeiro passo é a paralisação da linha de montagem de ideias tortas. A pista da solução é dada por Voltaire: Cândido, no final do livro, em crítica às pretensões "metafísicas" de Pangloss, sugere deixar de lado o otimismo infundado e "cultivar o nosso jardim", ou seja, que nos concentremos, com realismo, nas coisas que podemos mudar. Vale para as pessoas, vale para o País.

\* Marcelo de Paiva Abreu é doutor em economia pela Universidade de Cambridge e professor titular no Departamento de Economia da PUC-Rio.